

PREVISÃO

THAYS UKAN

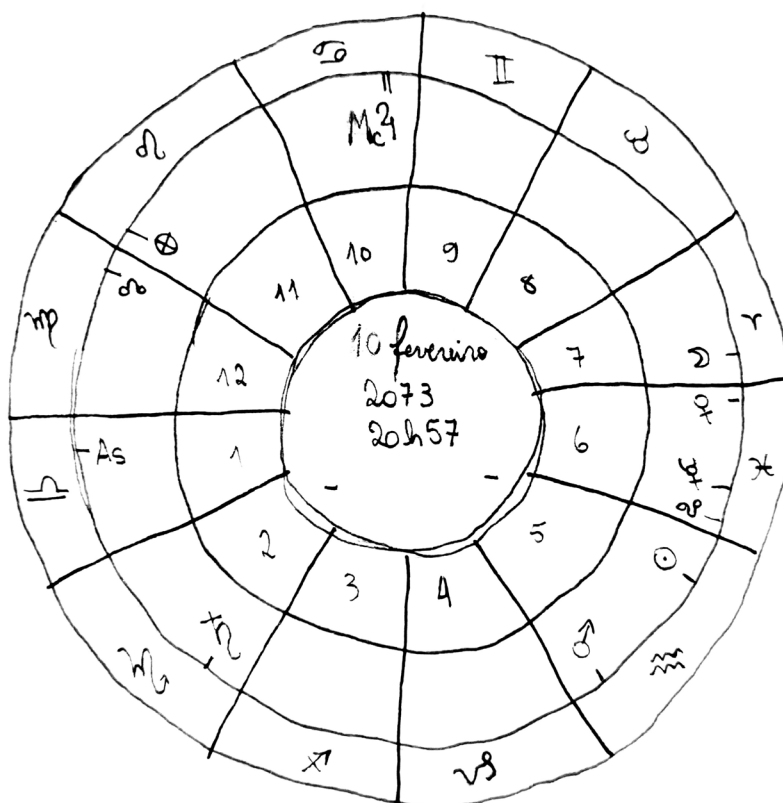
Graduada em artes visuais (2014) e em geografia (2021) pela Universidade Federal do Paraná. Tem mestrado em geografia (2024) pela mesma instituição e sua pesquisa relacionou os campos da arte e da geografia através de uma discussão conceitual e prática a respeito do gesto. É astróloga com formação em astrologia tradicional, técnicas de previsão, astrologia mundana e astrologia horária. Atuou como mediadora e oficinaira no setor educativo do Museu Oscar Niemeyer e, desde março de 2024, integra a equipe do programa Gente Arteira da Caixa Cultural de Curitiba.

Falar sobre o futuro é como falar sobre o passado: acontece no presente. Este ensaio é uma previsão; uma reflexão sobre o tempo e o espaço; sobre a observação do céu: sobre ser e estar. A astrologia é um saber repleto de mistérios, uma linguagem capaz de traduzir tempo e espaço com muita precisão e, também, com muita poesia. Existe uma relação íntima entre a poesia e a tradução do céu que é dada, possivelmente, pela nossa capacidade de associar as formas do mundo através das similitudes. Enheduana, princesa nascida no império Acádio durante o século XXIII a. C., situado na Mesopotâmia, considerada a primeira escritora da humanidade tendo textos atribuídos a sua autoria, era poeta e dedicava suas palavras a Inana, rainha do céu, aquela que conhecemos hoje como o planeta Vênus. Carregando o conhecimento da teoria das assinaturas e das similitudes, como Enheduana, Virgílio, Fernando Pessoa, e tantas e tantos poetas, somos capazes de unir o céu e a terra, de encontrar o mistério que preenche a língua, de tornar as coisas do mundo que, são aparentemente incompreensíveis, em inteligíveis. Este ensaio é uma tentativa de restituir a palavra ao seu lugar de mistério e magia e, para isso, o acaso me mostrou uma data no futuro. É sobre este céu de uma noite que está a 48 anos de distância daqui, que escrevi, traduzindo elementos que compõem um mapa astrológico que aponta caminhos, direções, temperaturas, regiões, formas e humores. Sem palavras fechadas ou definitivas, a tentativa é a de pintar uma paisagem que atravessa o corpo, que nos conecta entre corpos, entre tempos e espaços, que nos conecta em um instante.

astrologia,
instante,
poesia.

Eu queria conseguir te pedir para me dizer uma data, mas estamos distantes e talvez eu ainda não te conheça. Agora são 20h57 e o tempo passa e eu quero te contar sobre o futuro. Faz dias que eu tento encontrar uma solução, que eu tento encontrar uma data que viva no futuro e que me chame e que me diga: fale sobre mim. Sem sucesso, hoje, decidi pegar o livro que estava mais próximo de mim: pesadamente apoiado sobre a mesa perto de uma garrafa de água, não precisei esticar os braços, mas com os dedos, corri algumas folhas e abri aleatoriamente na página 73 do livro *“Hinos a Afrodite e outros poemas - Safo de Lesbos”*.

Assim ficou decidido: o futuro do qual eu vou te contar, hoje, está no dia 10 de fevereiro de 2073, às 20h57. Isso porque comecei a te escrever no dia 10 de fevereiro de 2025, às 20h57. O 2073 poderia ser 3073, 7300 ou qualquer outra variação desse número, mas escolhi 2073 porque, talvez, eu esteja viva neste dia. Talvez você também.



No mapa o ascendente está em libra. O ascendente é o ponto que espacializa o mapa, que nos localiza, que localiza todos os planetas em relação ao nosso corpo. O ascendente em libra mostra que este é um mapa noturno, que tem quase todos os planetas abaixo da linha do horizonte: acima, mas se pondo, está a Lua; acima e cravado no ponto mais alto do céu, está o Júpiter. Os outros planetas estão abaixo da linha do horizonte, incluindo o Sol. Dos luminares - Sol e Lua - a Lua está fortalecida: é nosso olho esquerdo que alcança o limite da paisagem, que carrega luz. Em mapas preditivos a Lua é fundamental porque ela tem o passo mais rápido do céu, é o astro mais próximo da Terra. Em um dia a Lua caminha em média 13 graus, muda de signo a cada dois dias, de fase todas as semanas e visita todos os outros planetas: em encontros e olhares. A Lua é a alma do dia, conta sobre o humor, sobre as dinâmicas, sobre como está o clima; ela vai costurando o céu, levando os assuntos de um planeta para outro. Ela é um pouco o nosso corpo, nossa emoção, mas por estar no sétimo setor do mapa, quase se pondo, também pode ser lida como o outro, como as pessoas com as quais nos relacionamos e temos parceria, pode ser lida como nossas inimigas e inimigos declarados. Essa Lua também sou eu, que traduzo o mapa e te escrevo agora. E também é você, que lê o que eu escrevo. As coisas na astrologia dependem do contexto, dependem do ponto de vista, dependem de quem lê: de mim e de você.

No dia 10 de fevereiro de 2073 a Lua estará na fase nova, ganhando luz e calor, em um signo de fogo que é quente e seco, expansivo, desses que tendem para cima. Seus últimos encontros foram com o ascendente, com o meio do céu e com o Júpiter: prateada, a pequena deusa sente o corpo aumentar e a pele vai esticando lentamente. Seu rosto pálido aparece corado porque o sangue corre rápido dentro do pequeno e quente corpo e se acumula na cabeça. Um corpo jovem, cheio de energia, disposto e curioso. Os olhos são importantes e saem do horizonte em direção ao ponto mais alto do céu: levanta a cabeça, olha para cima, e vê brilhando azulada uma enorme estrela errante: Júpiter, no signo do caranguejo. Ele, nesse signo, fica exaltado, fértil, úmido, bondoso. Ele recebe o olhar da pequena deusa e retorna, amavelmente, com palavras de proteção. A Lua arrasta cada palavra pelo caminho que segue e desvia os olhos de cima para baixo: do Júpiter, vê de relance o Marte no signo de aquário.

É o Marte que dá as ordens para a Lua, porque é como se ela estivesse na casa dele, mas sem ele. O Marte diz, à distância: vá mais rápido, mude a ordem das coisas, não seja tão cautelosa, seja mais incisiva, não desvie assim os olhos, fale mais alto, abra as mãos, corra!

No mapa o ascendente está em libra. O ascendente em libra mostra que a Vênus é o corpo, que a Vênus é o dia. Ela, no signo de peixes, está exaltada. A Vênus é a Afrodite, para quem Safo escreveu um hino, que está agora em um livro traduzido para o português, na minha mesa, perto de uma garrafa de água. Ela nasceu da espuma do mar e em algum momento foi transformada em peixe com o seu filho para fugir de um titã. A Vênus ama o signo de peixes e ali ela se exalta, talvez, porque lembre do seu nascimento e da sua fuga.

Ela, em peixes, dirige-se ao Saturno no signo do escorpião formando um trígono. É como se se olhassem com o canto dos olhos, sem obstáculos, penetrantes. Escorpião dá exílio para a Vênus e por isso, a sensação da deusa é de estar nesse mar que ela tanto ama, mas é de noite, o mar está escuro, barulhento e cheio de pedaços cortantes de conchas, profundo e revirado, com águas-vivas que queimam a pele. Hesíodo, o poeta, escreveu que a Vênus nasceu da espuma do mar formada pelos órgãos genitais de Urano que foram cortados por Saturno (2022). Libra, o ascendente do mapa, esse ponto que localiza, além de ser domicílio da Vênus, é o signo que dá exaltação para o Saturno. Existe uma ligação entre a Vênus e o Saturno, entre a pequena benéfica e o maior maléfico do céu, que é dada pelo signo de libra. Quer dizer, então, que o dia 10 de fevereiro de 2073 será um pouco a Vênus em peixes, e um pouco o Saturno em escorpião: como um ser fleumático, frio e úmido, subterrâneo, aquático, profundo e obscuro, abissal, as horas correm pontiagudas.

Vênus de casa 6, Saturno de casa 2: as casas são esses setores do mapa que mostram assuntos que são importantes para a gente. Cada casa trata de um tema: a casa 2 sustenta o ascendente (que é a casa 1), ela é o chão que o corpo pisa, o alimento que sustenta, a roupa que veste, os bens que são fruto do trabalho e que vamos adquirindo ao longo da vida. O Saturno é considerado um maléfico porque é estéril; ele mingua o que toca, é muito seco e nada vinga sob a sua foice; ele é o senhor do tempo, um limite, a morte. Na casa 2, uma casa de sustento, de recursos, Saturno aparece como uma rocha, enorme, um buraco: uma caverna. Em aspecto com a Vênus na casa 6, Saturno faz pesar o próprio corpo e cria muco no peito: nesse dia, o pulmão vai respirar lento, pesado, cheio de umidade.

O Mercúrio está em peixes e reforça a umidade. Ele cria uma forma desviada de pensar e resolver problemas: A cabeça quente da Lua: borbulha.

E o Sol. Ele, que é o ponto de referência, está exilado. Distante da própria casa, já abaixo do horizonte, dá espaço para a Lua governar. Este mapa é noturno e o Sol não é visto, ele já se pôs, não ilumina nada além da Lua, está enfraquecido.

Nós vivemos sob o tempo do Sol, mesmo durante a noite. O seu ritmo marca as estações, os dias. Seu movimento diário é de um grau e, em mais ou menos 365 graus caminhados, convencionou-se a passagem de um ano. Daqui até o ano 2073 são 48 anos: são aproximadamente 17.520 graus caminhados pelo Sol. Escrevo assim: *caminhados* pelo Sol, sabendo que quem caminha mesmo, é a Terra. Nós somos o ponto de referência. São os nossos olhos que cruzam o céu: vivemos na Terra, olhamos para o céu. E daqui temos a impressão de ver o Sol se pôr e nascer, de planetas indo e voltando. Vemos essas luzes que, possivelmente, são as coisas mais distantes que nossos olhos são capazes de tocar. É curioso como olhar para o céu, é como encarar de frente o espaço e o tempo: Olhar para uma estrela é aceitar e amar a distância, aceitar e amar aquilo que ainda não existe ou que já não existe mais. A Vênus está a 1.282 segundos-luz de distância da Terra; Sirius, a estrela mais brilhante do céu noturno, está a 8,6 anos-luz de distância da Terra; Earendel é a estrela mais distante já observada da Terra e está a 12,9 bilhões de anos-luz de distância de nós. Anos-luz é uma unidade de medida de distância. O fóton é uma partícula tão rápida e, ainda assim, são necessários bilhões de anos de distância percorridos pelo espaço para que nós possamos ver essas luzes.

Olhar para uma estrela me faz pensar sobre quando eu não existia. Sobre quando você não existia. Sobre quando deixarmos de existir. Olhar para uma estrela me ajuda a alcançar o futuro e o passado no mesmo instante. Olhar para uma estrela é encarnar o próprio instante: estar aqui, hoje, conversando com você.

Referência Bibliográfica

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. e Intro.: Christian Werner. 2ª ed. São Paulo : Hedra, 2022.